



BeCool

+

Feminismo negro
incomoda?

Luis Carlos Valois:
“Aquilo que eu vi
também está dentro
da gente

Coisas pra arrumar
tempo em 2017

Scarlett Lamela



RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool

BeCool

SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Viola Davis

6 | SETLIST

Hits de Carnaval

7 | ROTEIRO SP

Janeiro de 2017

44 | FAZ SENTIDO?

2017 pra quê?

45 | CRÔNICA

Cuidado! Cachorro bravo!

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | FEMINISMO NEGRO

INCOMODA?

A luta das negras é ainda mais difícil

12 | OS MELHORES HOSTELS DO BRASIL

Pra quem já planeja a próxima viagem

16 | TECIDOS PRA USAR (OU EVITAR) NO CALOR

Vista-se bem sem suar

20 | BEM-VINDO À CIDADE DO VINHO

Ela vai te deixar louco

24 | ENTREVISTA

Luis Carlos Valois

28 | ENSAIO

Scarlett Lamela

40 | PARA 2017

Arrume tempo para essas coisas



facebook.com/RevistaBecool

twitter.com/becoolmagazine

youtube.com/revistabecool

adngui@gmail.com



Consequimos finalmente vencer a preguiça pós-férias e estamos entregando a primeira edição da BECOOL de 2017. Nossas férias foram maravilhosas, e as suas como foram? Desconsidere se você não saiu de férias.

E nós estamos voltando com tudo! Dentro de alguns meses, lançaremos o novo visual de BECOOL, mais moderno e arejado do que este que vocês já conhecem. A referência será a revista francesa *Lui*, uma das melhores do gênero no mundo.

Mas isso é uma coisa para o futuro! No presente, estamos chegando à 52ª edição. E nada melhor para começar o ano do que belas imagens da modelo Scarlett Lamela, num ensaio bem feito e ousado que vocês vão amar!

Na linha de matérias sérias, uma reflexão sobre o feminismo negro e uma entrevista com o juiz Luis Carlos Valois a respeito da situação dos presídios. Tem também os melhores hostels (assim mesmo) do Brasil, tecidos para usar (ou não) no calor, uma viagem à Cidade do Vinho, coisas para arrumar tempo em 2016, Viola Davis em "Mulheres Que Amamos", uma setlist com hits de Carnaval que você já esqueceu, o roteiro dos paulistanos no mês, o melhor do Twitter, uma charge e as colunas de Mônica de Souza e Alberto Villas.

Recuperados da tragédia da Chapecoense, lançamos finalmente a BECOOL 52. Boa leitura e não deixe de seguir nas redes sociais.

- Você retweetou
- Vinicius 40+** @vuintrieri · 9 de jan
"Manu, gostou do médico? Ele é bem paciente, né?"
"Não, a paciente era eu"
- Que orgulho ver a tocha do pavê sendo passada pelas gerações
- 2 167 345
- Você retweetou
- Melisandre de Unai** @masteeu · 9 de jan
O Twitter realmente foi criado pra você encadear 85 twits seguidos em um textao imenso é EXATAMENTE essa a função do site
- 1 247 431
- Você retweetou
- Karen** @kaarenhazza · 9 de jan
A rádio disney tá tocando Kasino HAHAAHSHSJAJSJSJS EU NÃO AGUENTO MAIS
- 7 7
- Você retweetou
- ~régeslicious™** @_regisarimajr · 8 de jan
- oi vc é meu crush
- ATA
- 3 1
- Você retweetou
- Rafinha Bastos** @rafinhabastos · 8 de jan
Toda música romântica escrita por um homem pode ser resumida na frase "meu pau te ama". Funk, a poesia mais honesta da música brasileira.
- 81 1 mil 3,1 mil
- Você retweetou
- Aldo Alves** @OqueMeDeixaPUT0 · 19 de dez de 2016
Prós e contras de fazer comida:
- Pró: comida
- Contra: fazer
- 4 1,2 mil 943
- Você retweetou
- Bruno** @BrunoHoffmann · 7 de jan
A tristeza de motorista da 99 Táxi em aceitar a viagem com 30% de desconto nem os maiores filmes psicológicos conseguiram retratar
- 1 7
- Você retweetou
- (In)culta** @In_culta76 · 5 de jan
Doar sangue é um ato de amor ❤️
Acabei de salvar a vida de uns 5 pernlongos.
- 2 3 9
- Você retweetou
- Blenda** @SrtaBlenda · 4 de jan
Às vezes sinto que a vida é aquela Amy Winehouse do pânico na tv
- 3 7 16

Mulheres Que Amamos

VIOLA DAVIS

Viola Davis nasceu na fazenda de sua avó em St. Matthews, na Carolina do Sul, sendo a quinta de seis irmãs. Com apenas dois meses de vida, se mudou com a família para Central Falls, em Rhode Island. Teve uma infância de muita dificuldade e pobreza, mas as coisas começaram a melhorar quando, na escola, descobriu a paixão pelos palcos. Estudou na Rhode Island College, onde se formou em artes dramáticas, e frequentou por quatro anos a prestigiada Juilliard School. Ganhou destaque na Broadway, onde conquistou dois prêmios Tony, e estreou nos cinemas com *The Substance of Fire* (1996).

Após a primeira experiência nas telonas, decidiu buscar espaço na televisão. Participou das séries *New York Undercover*, *City of Angels*, *Third Watch*, *Law & Order: Criminal Intent* e *CSI*. Em 98, foi chamada por Steven Soderbergh para atuar em *Irresistível Paixão*, ao lado de George Clooney e Jennifer Lopez.

Agradou tanto Soderbergh, que foi convocada para atuar em *Traffic*, *Solaris* e *Syriana* (produzido pelo cineasta). Ela também fez uma pequena participação em *Onze Homens e um Segredo*, onde podemos ouvir sua voz interrogando o personagem de Clooney.

Casada com o ator Julius Tennon, Davis participou ainda de produções como *Kate & Leopold*, *Longe do Paraíso* e *As Torres Gêmeas*. Chamou a atenção de Hollywood com sua curta, mas marcante participação em *Dúvida*, quando roubou a cena de nomes mais famosos, como Meryl Streep, Philip Seymour Hoffman e Amy Adams. Conquistou sua primeira indicação ao Oscar pelo papel.

Nos anos seguintes, integrou o elenco de várias grandes produções como *Noites de Tormenta*, *Código de Conduta*, *Encontro Explosivo* e *Comer ou Ser Comido*, mas sem obter o mesmo reconhecimento, até por se tratarem de produções que não foram sucesso de crítica.

Em 2011, trabalhou em dois longas indicados ao Oscar de Melhor Filme. Em *Tão Forte e Tão Perto*, de Stephen Daldry, interpretou uma das pessoas que cruzam o caminho do jovem Oskar (Thomas Horn). Já em *Histórias Cruzadas*, ajuda a personagem de Emma Stone a escrever um importante livro na luta contra o racismo no sul dos Estados Unidos.



Set List

HITS DE CARNAVAL

O Carnaval vem aí e além da Globeleza vestida teremos, como em todos os anos, a disputa de hit do Carnaval. Quase sempre um axé, o hit do Carnaval consagra por um mês seu autor antes que ele caia no ostracismo de uma vez por todas. Quem se lembra da Banda Vingadora? Poucas pessoas? Pois faz um ano que “Metralhadora” foi nosso hit de Carnaval. Este ano “Deu Onda”, do MC G15, leva o título. E nós, em nome da memória musical, fomos atrás de cinco hits de Carnaval que você provavelmente já esqueceu.



5. MC BIN LADEN — TÁ TRANQUILO, TÁ FAVORÁVEL

Você também não se lembrava mais, né? Foi hit do ano passado também. Aliás, foi uma overdose de MC Bin Laden o verão inteiro de 2016. Por onde anda?



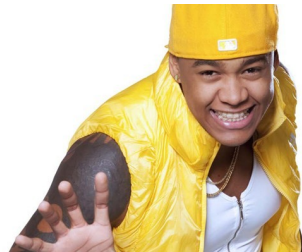
3. OLODUM — REQUEBRA

Um dos poucos grupos que conseguiram sobreviver ao próprio sucesso carnavalesco, o Olodum, além deste hit de 94, emplacou antes outros dois: “Faraó” em 87 e “Revolta Olodum” em 90. Teria sido Galvão Bueno o responsável por esta sobrevida do Olodum?



1. SARAJANE — A RODA

Vai dizer que você não se lembra que isso já foi hit do Carnaval? Nos anos 80, a lambada fazia a alegria dos foliões de Salvador. E 86 foi o ano de abrir a rodinha por favor. Sarajane sumiu, mas com estilo: quem não se lembra dela nos anos 80?



4. PARANGOLÉ — REBOLATION

Hit de 2010, ganhou até uma adaptação do Armero (pelo menos foi o que disse o Globo Esporte) e várias paródias, incluindo uma com o Corinthians. Também sumiu depois daquele Carnaval, mas quem não se lembra da época em que a gente botava a mão na cabeça pra começar o Rebolation?



2. TRIBALISTAS — JÁ SEI NAMORAR

Não é necessariamente um hit de Carnaval, mas foi um hit do verão que circulou nos trios elétricos em 2003 — até Ivete teria soltado um “eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também”. Depois de lançarem hit atrás de hit, os Tribalistas acabaram. Boa justificativa para nos esquecermos deles.



NÃO DEIXE DE OUVIR: FLOW DJAVAN

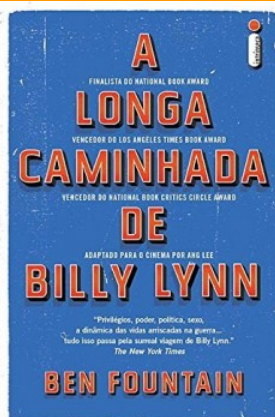
O paulista Jé Santiago rima sobre objetivos futuros e coisas a celebrar. Com instrumental de RK e produção de Nego E. Jé é um dos precursores da necessária renovação do nosso R&B. Disponível no YouTube.

Roteiro SP



FILME: XXX – REATIVADO

Xander Cage (Vin Diesel) desiste de sua aposentadoria quando Xiang, um guerreiro alfa mortal, coloca suas mãos em uma arma indestrutível chamada de "Caixa de Pandora". Xander recruta os melhores soldados do mundo para destruir o vilão e paralelamente tem que enfrentar uma resistência formada por governos corruptos de todo o mundo.



LIVRO: A LONGA CAMINHADA DE BILLY LYNN

(Intrínseca, 304 páginas, R\$ 45) Na guerra do Iraque, uma equipe de TV registra uma violenta batalha de soldados americanos contra insurgentes iraquianos, o suficiente para transformar o cabo Billy Lynn e seus companheiros do esquadrão em heróis. Os oito militares são convidados pelo governo para uma Turnê da Vitória, para estimular o apoio às tropas norte-americanas. Mas nada sai como planejado. Em um mundo dominado por política, dinheiro, profissionais do show business, jogadores de futebol americano e líderes de torcida, os integrantes do Bravo pensam apenas em aproveitar os últimos momentos de liberdade, pois em breve deverão enfrentar novamente tudo o que deixaram no Iraque.



SHOW: CÍCERO

O show será o encerramento da turnê de seu último disco lançado A Praia. A abertura do show fica por conta da banda Ventre, o power trio com seu rock experimental. Dia 12, às 22h (abertura às 20h) no Cine Joia: Praça Carlos Gomes, 82, Centro 01501-040. Telefone: (11) 3231-3705. Ingresso: R\$ 40 a R\$ 80.




CD: AFINIDADE

(Eldorado, R\$ 25) O novo álbum solo da cantora paulistana Cibeles Codonho - que contempla ritmos brasileiros como ciranda, baião e samba, com um toque de jazz - tem participações especiais do líder do grupo vocal americano Take 6, Mark Kibble - que gravou um dueto com Cibeles de "Love Dance / Lembrança" - além de Filó Machado, com Vatapá. Afinidade tem sonoridade variada de piano e baixo, tanto acústicos como elétricos, bateria, sopros e percussão. A voz de Cibeles aparece também com texturas diferentes da voz solo, alternando momentos de harmonia vocal e efeitos percussivos.

A high-contrast, black and white close-up portrait of a Black woman with voluminous, curly hair. The image is partially obscured by large white text on the left side. The woman's face is visible on the right, showing her eyes, nose, and lips. The lighting is dramatic, with deep shadows and bright highlights.

FEMINISMO NEGRO INCOMODA?



Seja no mercado de trabalho ou cultura, a luta da mulher negra para conquistar espaço e ser respeitada é ainda mais difícil que a da mulher branca.

Por REGIANE OLIVEIRA



A publicitária e ex-modelo Luana Genot há tempos assumiu o desafio de levar ao mundo empresarial a luta contra o privilégio da cor da pele. Cansada de sofrer com o racismo e machismo, ela fundou o Instituto Identidades do Brasil (ID_BR), e literalmente tem batido na porta das empresas para mudar esta realidade. "Perguntei para um menino negro de seis anos o que ele queria ser quando crescer, e ouvi que ele seria segurança, pois esta é uma profissão de preto. Não podemos permitir que as crianças se apropriem desse discurso, por isso precisamos de exemplos", afirma Luana, que participou do Seminário Brasileiras - como elas estão mudando o rumo do país, realizado no dia 2 de dezembro, em São Paulo, pelo EL PAÍS e a Agência Locomotiva.

Maria Rita Casagrande, fundadora do Blogueiras Negras e sócia da Infopreta, também conhece na pele o sofrimento que o estereótipo em relação a mulher negra pode causar. Formada em análise de sistemas, por muitos anos Maria Rita trabalhou como atendente de telemarketing por não encontrar outro emprego. Da necessidade de compartilhar suas experiências, nasceu o Blogueiras Negras, um espaço que une mulheres que escrevem, falam e produzem conhecimento a partir de suas vivências e experiências como mulheres negras. Empreender com o Infopreta foi outra oportunidade que encontrou para fazer o que deseja e não o que outros desejam para ela. "É comum nos oferecerem visibilidade, mas nós queremos oportunidades, emprego, apoio", afirma.

O avanço do ativismo online de mulheres negras se tornou um importante canal para vencer as barreiras criadas pelo racismo. "A internet é o espaço que as mulheres negras encontraram para existir, já que a mídia hegemônica nos ignora", explica Djamilá Ribeiro, secretária-adjunta de direitos humanos da prefeitura de São Paulo. Segundo ela, os brasileiros ainda veem o racismo como algo da esfera privada, por exemplo, quando a atriz Taís Araújo é atacada na internet. E não como um sistema de opressão, que impede o acesso a determinadas esferas.

Trazar este tema à tona, e propor reflexões sobre o papel da socieda-

de na manutenção das estruturas de racismo não é fácil. "Há um incômodo das pessoas com o tema, mas isso é importante, ou todos vão achar que está tudo bem", explica Djamilá.

A representação na cultura

A cineasta Tata Amaral conheceu este incômodo pelos olhos de sua filha. Nos anos 80, as duas costumavam ir ao cinema ver principalmente blockbusters americanos. A menina nem sabia ler, mas percebia que os personagens negros morriam sistematicamente nos filmes. A criança notou também que os bandidos eram sempre os latinos, negros e árabes. Tata lamenta que a representação que orientavam o cinema na época pouco mudaram. "Fiz um documentário sobre hip hop e percebi que o jovem se identificava como PPP – preto, pobre da periferia, o que na sociedade tem uma carga ruim, representando o traficante, o bandido."

O cinema que é produzido no Brasil reflete um poderoso complexo de representações, que exclui a maioria da população brasileira, composta por mulheres e homens negros. Os estratagemas de representação do racismo e machismo vêm como entretenimento, e o público não se dá conta. "Outro dia liguei a TV e tinha uma bunda rebolando para a câmera. A bunda não tinha corpo, perna, sentimento, nada. Era o retrato da mulher brasileira", afirma Tata. E que quem patrocina esse programa? "São as mesmas pessoas que patrocinam os programas em que negros só servem para morrerem, por isso, não dá para discutir feminino sem discutir a questão racial, sem discutir a criação do audiovisual negro", responde a cineasta.

Do incômodo à agressão

Não são poucas vezes que as ativistas negras são chamadas de



“O machismo e o racismo nos tornam mais vulneráveis”, diz Djamila Ribeiro

“chiliquentas” ou “agressivas” por aqueles que querem desqualificar sua luta. Falta empatia até mesmo dentro do movimento feminista. Djamila explica que as mulheres negras não têm como escolher contra qual opressão elas vão lutar primeiro: ser mulher ou ser negra. Por isso ela critica quem trabalha com dados genéricos sobre o tema, como o de que mulheres ganham 30% a menos do que os homens. Afinal, pesquisas mostram que homens negros ganham menos que mulheres brancas, e mulheres negras menos do que homens negros. “O machismo e o racismo nos tornam mais vulneráveis, por isso é preciso nomear se estamos falando de mulheres brancas, negras, trans ou lésbicas”, afirma.

Djamila é enfática em cobrar que as pessoas brancas se responsabilizem pelo racismo, inteirando-se do assunto e entendendo sua participação nesta mazela nacional, para que possam ser parte da mudança. “Mas de nada adianta fazer isso e pagar 600 reais [menos que um salário mínimo] para a mulher negra trabalhar de doméstica na sua casa”, alerta a secretária. ■

CONQUISTA DE ESPAÇOS NA LITERATURA

“Sou de um tempo que gostar de Clarice Lispector era coisa de mulher. Ela tem um texto mais experimental, mas longe do texto anglo-saxão racional”, lembra Josélia Aguiar, curadora da Feira Internacional de Paraty (Flip 2017). A autora brasileira foi homenageada em 2005 no evento. E a partir de então, ganhou as capas dos principais cadernos de literatura internacionais. Passou a ter suas obras reeditadas e prestigiadas por críticos homens.

“Muito lentamente, as coisas começam a mudar”, afirma Josélia, que tem um grande desafio para o próximo ano: transformar a Flip 2017 no evento com maior diversidade de autores e gêneros, atendendo às demandas dos movimentos feministas e negro. Ela lembra que, até 2014, não havia nenhuma pressão para que houvesse paridade de gênero e raça. Havia, inclusive, dentre jornalistas, uma votação da musa da Flip. “Você pode falar da beleza de alguém, mas não dessa maneira estereotipada”, afirma.

A valorização de autoras do sexo feminino no Brasil é reflexo de um movimento que ocorre também em outros países. O Leia Mulheres começou em 2015, inspirado no #readwomen2014, ação criada pela escritora e ilustradora britânica Joanna Walsh para incentivar a discussão da presença de mulheres na literatura. Na época, o percentual de autoras na Flip era muito desproporcional, não passando de 30% do total de autores participantes. Em 2016, veio finalmente a paridade de gênero, mas faltaram autores negros.

“Estou com a missão de ser parte da solução e definir uma lista de mulheres, autoras negras, principalmente, para a edição de 2017”, afirma Josélia. Mas ela sabe que a iniciativa não escapa das críticas. “Sempre tem quem fale que agora tudo é cota, mas não é isso. As pessoas precisam entender que é necessário um esforço para nos livrarmos dos estereótipos.”

OS MELHORES HOSTELS DO BRASIL

Os 9 melhores hostels pra quem já está planejando a próxima viagem.

Por PEDRO NOGUEIRA

A photograph of a bright, cozy living room. In the foreground, a white sofa is adorned with several colorful patterned and solid-colored pillows. In front of the sofa is a low, colorful coffee table made of painted wooden blocks in shades of green, orange, and blue. On the table are some books and a bowl of snacks. To the left, a black electric guitar hangs on the wall above a small wooden shelf filled with books and other items. A large window with white shutters is open, letting in bright light and showing a view of greenery outside. A small potted plant sits on the windowsill. The room has a warm, inviting atmosphere with a mix of modern and rustic decor.

Ei, leitor,

...você está programando a sua próxima viagem? Que tal ficar num hostel, que além de oferecer um custo menor, traz muita interação com outros hóspedes como parte do pacote?

O Trivago desenvolveu um índice que leva em consideração as avaliações de viajantes em diversos sites para eleger os melhores hostels do Brasil. E, agora, você irá conhecê-los. Ao final deste post, você perceberá que todos são boas apostas: nenhum teve nota inferior a 9,1 do Trivago.

Mas para confirmar essa informação, chequei a página de cada um deles no TripAdvisor. Vi que todos gabaritaram em termos de boa localização, limpeza, conforto e simpatia da equipe. As resenhas são excelentes, sem exceção.

Se você está preocupado com conforto ou segurança, relaxa. Eles oferecem wifi, ar-condicionado, computador, café-da-manhã incluso, sala com TV a cabo, recepção 24 horas, cozinha coletiva, locker individual e muito mais. Isso sem contar a opção de ficar num quarto privativo.

HOSTELS



1# Motter Home, Curitiba

O Motter Home, em Curitiba, fica numa charmosa casa da década de 1950 que conserva vários detalhes de sua época. Além do ar vintage, o hostel tem grafites, painéis e pinturas de artistas locais para alegrar o ambiente. Você pode se hospedar em quartos coletivos ou suítes privadas, tudo com cama king size. A localização também é privilegiada: o Centro Histórico da cidade está a apenas 15 minutos de caminhada.

Nota do Trivago: 94,56/100

2# Discovery, Rio de Janeiro

Que tal ficar na residência de férias que a baronesa do Rio Negro usava no século 19? Este é o Discovery, no Rio de Janeiro, cuja casa mantém a fachada original, mas com todas as comodidades que alguém poderia querer em 2016. Ele tem dormitórios compartilhados e quartos privativos. Além do metrô estar ao lado, há vários programas culturais e atrações turísticas na região.

Nota do Trivago: 94,51/100

3# Bahia Prime Hostel, Salvador

Pertinho da praia, o Bahia Prime Hostel está sediado numa casa colonial de quase 100 anos e 900 metros quadrados, mas equipada com o que há de mais moderno em termos de hotelaria. Há desde quartos coletivos que hospedam 18 pessoas a suítes particulares.

Nota do Trivago: 93,08/100

4# Green Haven, Ubatuba

O charmoso Green Haven, em Ubatuba, oferece vista para o mar, quartos coletivos ou individuais, um agitado bar com mesa de sinuca e área de churrasco, entre outras comodidades. Perfeito para quem busca muita animação no litoral paulista.

Nota do Trivago: 92,92/100

5# Villa Chic, Jericoacoara

Jericoacoara é considerada uma das praias mais belas do mundo. Neste local paradisíaco se encontra o aconchegante e rústico Villa Chic, trazendo uma linda área externa com piscina e churrasqueira. Dormitórios privativos ou coletivos ficam à disposição dos hóspedes.

Nota do Trivago: 91,86/100

6# Solar63, Porto Alegre

Além da infraestrutura de primeira, o Solar63 fica num dos lugares mais vibrantes de Porto Alegre: a Cidade Baixa, cheia de opções gastronômicas, culturais e de lazer. O hostel também está perto do Centro Histórico e a apenas 50 metros do famoso parque da Redenção. Você pode optar por quartos mistos ou particulares.

Nota do Trivago: 91,77/100



Um hostel, além de oferecer um custo menor, traz muita interação com outros hóspedes



muitas redes. Há quartos compartilhados ou individuais.

Nota do Trivago: 91,38/100

9# Concept Design Hostel, Foz do Iguaçu

Como o nome já diz, o Concept Design Hostel, em Foz do Iguaçu, traz uma proposta diferenciada, com ambientes mais modernos e sofisticados. Há piscina, bar e cozinha gourmet à disposição dos hóspedes, que podem escolher entre quartos coletivos ou privativos. O hostel é ao lado da Avenida das Cataratas, um importante corredor turístico da cidade.

Nota do Trivago: 91,21/100

A lista original do Trivago tinha 10 hostels, com o Campos do Jordão Hostel em 3º lugar. Mas eles acabaram o retirando do ranking depois, talvez porque houve algum erro na avaliação inicial. De fato, ele tem uma nota bem mais baixa do que os outros integrantes desta lista no TripAdvisor.

Mas nem só destes 9 hostels vive o Brasil. Há dezenas de outros lugares incríveis espalhados por todo o país. Se você quiser mais sugestões, o Guia Quatro Rodas fez em 2014 uma seleção com os 50 hostels mais descolados do Brasil. Vale a pena dar uma olhada. ■

7# Britânico, Gramado

Gramado é sem dúvida uma das cidades mais charmosas do Brasil. A viagem fica ainda melhor quando você se hospeda num lugar como o Britânico. Mesmo nos dormitórios coletivos você tem privacidade, com camas de estilo podbeds inspiradas nos trens da Europa. O hostel fica numa região central e de fácil acesso aos principais pontos turísticos da cidade. Sua área comum é bem ampla. Um único porém? A cozinha não é de uso coletivo, ao contrário dos outros hostels desta lista.

Nota do Trivago: 91,56/100

8# Parahyba, João Pessoa

A 200 metros do mar, o Parahyba Hostel, em João Pessoa, encanta pelo ambiente agradável da casa, a localização incrível e todas as comodidades que oferece aos viajantes — entre elas,



Tecidos para usar (ou evitar) no calor

Vista algo bacana que não seja uma sauna ambulante.

Por KATRYN BEATY

TECIDO VERÃO



N

os dias quentes, os homens sofrem para achar algo que fique bacana e não seja uma sauna ambulante. Então hoje vou falar um pouquinho sobre os melhores tecidos para usar (ou não) no calor.

Aqui vai a dica mais importante: fique longe do sintético!

Calma, não precisa virar expert em tecidos para saber identificar os sintéticos. Apenas olhe na etiqueta de composição da peça. Se estiver escrito poliéster, deixe a roupa no armário, durante o verão pelo menos.

Por quê? O tecido sintético não deixa o corpo respirar, então causa uma bela sensação de desconforto no calor. Fora que o suor fica com um cheiro até mais forte.

Os seus aliados nestes dias quentes são o linho e o algodão, que são fibras naturais que permitem ao corpo respirar, sendo as opções mais frescas para o verão.

O querido linho, eu sei, já traz aquela imagem na cabeça do terno branco, camisa aberta, corrente de ouro. Mas não é bem assim, tá?

Esse tecido de fibra natural é super maleável, confortável e clássico. Você pode experimentar camisas de linho (lisas ou estampadas), bermudas, calças, terno e assim por diante.


Tudo de linho refresca e ainda é prático, já que mesmo amassado fica chique. Mas fique de olho no caimento: prefira peças com fit mais slim, pois assim o look fica mais polido e moderno. linho2



Para aqueles que ainda não se apegaram ao linho, escolham peças feitas com tecidos de 100% algodão. Você vai achar uma variedade imensa de camisas e camisetas de algodão, de lisas a estampadas, e qualquer uma é excelente para dias quentes.


No caso de bermudas e calças, a sarja (um tipo de construção do tecido feito de algodão, lã ou ambos) é uma ótima pedida. Ela é leve e pode ser usada tanto em situações sociais quanto casuais.

Experimente cores e estampas diferentes para fugir do básico — não que o básico seja um problema, mas às vezes é bom variar. E se você tem uma ocasião formal, os ternos de sarja de algodão são uma excelente opção. ■

A photograph of a young man with dark, curly hair and a light beard, smiling warmly. He is wearing a bright yellow polo shirt. He is leaning against a rustic wooden railing, with his left hand visible on the rail. The background is slightly blurred, showing what appears to be an outdoor setting with a building. The text "Fique longe do sintético!" is overlaid in green on the left side of the image.

Fique longe do
sintético!





Bem-vindo à CIDADE DO VINHO

Ama vinho? Então essa cidade vai te deixar louco.

Por THIAGO SIEVERS

CIDADE DO VINHO



A amantes do vinho, arrepiem-se, pois está inaugurado o maior museu temático da bebida no mundo. Já tem destino certo no primeiro lugar da sua lista de viagens? Então, se não for Bordeaux, tenha certeza de que essa lista mudará depois desse texto.

A cidade francesa, que é considerada a capital do vinho no país, é a casa do La Cité du Vin, que nem me obriga a ir ao Google Tradutor para saber que significa “A Cidade do Vinho” em francês. O empreendimento abriu as portas dia 31 de maio.

Esse é tipo um parque temático da bebida. Sim, elevamos o estabelecimento de “museu”, que muitas vezes remete a algo monótono, para “parque de diversão”, que, como o próprio nome diz, é divertido.

Prestem atenção nos números, antes de qualquer coisa: 81 milhões de euros gastos na obra (cerca de R\$ 325 milhões); 7 anos de projeto; 13 mil metros quadrados; 10 andares; 55 metros de altura; 20 áreas temáticas; expectativa de 450 mil visitantes por ano; mais de 800 rótulos na loja local.

No espaço haverá tudo sobre vinho, obviamente. História, geologia, depoimentos de produtores da bebida, imagens, arte, vídeo, exposições sensoriais, shows, lojas, workshops... cara, tudo! Por ali a história da bebida é totalmente resgatada desde seu início, há 8 mil anos.



O design do prédio é simplesmente um espetáculo. E não pense que não há motivos para ele ter sido desenvolvido com esse formato. Os arquitetos Anouk Legendre e Nicolas Desmazières explicam: “A arquitetura do prédio foi inspirada no efeito do vinho quando está sendo girado dentro de uma taça”. E o visual dá mesmo essa impressão.

Cerca de 900 painéis reflexivos foram colocados no acabamento do edifício, além de 2500 estruturas de alumínio douradas para dar esse efeito fantasioso que observamos.

Não é demais?

Os ingressos custam 20 euros (quase R\$ 90) e incluem um guia com 8 idiomas diferentes além de uma taça de vinho para ser degustada no 8º andar, com visão panorâmica da cidade. ■



ENTREVISTA



“Aquilo que eu vi também está dentro da gente”

Entrevista foi interrompida por um telefonema do governador do Amazonas, manifestando solidariedade ao juiz Luis Carlos Valois, que, mesmo assim, não poupou críticas ao Estado

Por MARIA TERESA CRUZ

Contundente e objetivo, mas esquivando-se de falar sobre o tema mais polêmico – a questão das facções que atuam dentro dos presídios –, o juiz Luis Carlos Valois, que negociou o fim da rebelião no presídio Anísio Jobim, em Manaus, atribui a falência do sistema prisional às falhas na Lei de Execução Penal e à política de proibição de drogas, e afirma que não dá cartaz para o crime organizado: “Focar o resultado dessa situação que estamos vivendo em brigas de facção do crime organizado é legitimar essas organizações e não atacar o real problema do encarceramento”, pontua.

Cuidadoso ao criticar a atuação da polícia no caso, o juiz afirmou não ter entendido a ausência da figura de um delegado, por exemplo, no processo de negociação da rebelião que resultou na morte de mais de 60 presos, no último domingo (1). Apontado como suspeito de envolvimento com o crime organizado, Valois manifestou-se contra isso nas redes sociais e tem recebido críticas e ameaças desde então.

Titular da Vara de Execuções Penais de Manaus, ele cuida de mais de 14 mil processos de pessoas que cumprem pena em todo o Estado. Isso inclui, além de fazer cumprir a lei, avaliar as condições das penitenciárias. E se o complexo Penitenciário Anísio Jobim tem situação crítica, com três vezes mais presos do que a capacidade, segundo o juiz, a situação no interior do estado é de abandono maior ainda.

Formado em Direito em 1989 pelo Centro Universitário Metodista Bennett, já na década de 90 começou a se dedicar ao direito processual penal e trabalha há mais de duas décadas com execuções penais. Os dois trabalhos de stricto sensu foram feitos sobre temas correlatos: o mestrado, defendido em 2012, foi sobre o sistema penitenciário e os obstáculos da ressocialização. E o doutorado, concluído no ano passado, foi justamente sobre drogas.

A Ponte Jornalismo conversou por telefone com Luis Carlos Valois, que volta do recesso de final de ano na próxima segunda-feira (9), e diz não ter medo. Ele tem sido muito procurado nos últimos dias, principalmente atendendo a telefonemas como o do governador do Amazonas, José Melo (PROS), que ligou para dizer que sente muito pelo que está acontecendo e que não compactua com as ameaças e críticas feitas a ele.

ENTREVISTA

Qual a sua avaliação sobre a situação do Complexo Penitenciário Anísio Jobim, em Manaus, onde o segundo maior massacre da história do sistema penitenciário do Brasil aconteceu?

Na verdade, na minha avaliação, foi pior do que o Carandiru, porque no Carandiru havia 10 mil presos e morreram 111. Nesse, tinham 1.200 e morreram 60. Os dois cenários são brutais, mas em proporção esse foi pior. E também o nível de brutalidade, que foi absolutamente chocante.

Como foi a negociação?

Quando eu cheguei, a negociação já tinha começado e todas as mortes já haviam ocorrido. Eu cheguei com duas preocupações: tirar os reféns, que naquele momento eram basicamente funcionários. Os presos reféns não existiam mais, porque os que estavam marcados pra morrer tinham morrido já. Era a última parte da negociação, quando eles estavam entregando os últimos reféns. Eu vi que uma boa parte dos corpos estavam carrados, ou seja, já tinham sido levados pelo carro do IML. Os próprios presos colocaram os restos do lado de fora. Eu vi uma coisa de terror dentro de mim quando olhei para aqueles pedaços de corpos. Isso é horrível.

[a entrevista é interrompida por uma ligação do governador. Luis Carlos agradece e diz: "eu vou estar sempre à disposição do que for necessário para o serviço público. Agora o que acontece ali no dia a dia é tanto quanto a maldade que vimos lá"]

O governador José Melo, mais cedo, disse que "lá não tinha santo". O que o senhor acha?

Disse isso, é?

Sim...

Santo não tem em canto nenhum. Dentro e fora da prisão, mas isso não pode ser justificativa para o que quer que seja.

O que ele disse ao telefone?

Ligou para prestar solidariedade. Disse que não compactuava com o que estava sendo feito comigo e que acompanha e confia no meu trabalho.

Mas por que se chegou a tudo isso: facções, tráfico de drogas, a terceirização. De bate e pronto, qual o problema?

Não tem como dizer um único motivo. São todos os fatores de caos e abandono do sistema penitenciário de Manaus, e do interior inclusive, onde é até pior. Eu atesto que as prisões do interior são muito piores. Os fatores da capital, ou seja, aqui em Manaus são os mesmos de todas as outras capitais do Brasil. Superlotação, abandono, tráfico de drogas, isso aí que a polícia chama de facção criminosa... Eu não gosto de legitimar quadrilha de presos. Para mim, preso é tudo igual. Quando a gente legitima isso, a gente está dando poder pra preso e não pode dar poder pra preso. Acontece que isso não é daqui. Em São Paulo tem também, no Rio de Janeiro também. E por fim, há um problema no descumprimento da lei de execução penal. O que mais me preocupa hoje, o

que me deixou mal foi o nível de violência, o grau de terror. Esse extrapolar é um caldo disso tudo: de ignorância, ódio. Imagina um monte de gente entulhada, amontoada e com ódio. Não dá pra dizer que tudo o que aconteceu foi uma causa específica. O negócio é que extrapolou um limite. Eu nem consigo fazer agora uma avaliação macro-estrutural. Vou ter que ainda esfriar a cabeça, parar para pensar. Eu sou uma pessoa que fez mestrado na USP sobre o sistema penitenciário. O tema é muito caro a mim.

Sobre a lei de execuções penais, no site da Umanizzare, empresa gestora da penitenciária, há logo na home a seguinte frase: "temos como premissa a aplicabilidade dos preceitos elencados na Lei de Execução Penal, em consonância com a garantia dos Direitos Humanos, ressaltados nas Regras Mínimas para Tratamento do Preso e recomendados pela Organização das Nações Unidas". O que acha disso?

É obrigação do governo cobrar da Umanizzare o cumprimento desse contrato. A Lei de Execução Penal não dá poderes para o juiz para fazer cumprir a lei. O juiz não tem poder coercitivo, por exemplo, para fazer cumprir a lei de execuções penais para obrigar o estado a cumprir de forma correta. Você pensa: a única coisa que eu poderia fazer é soltar todo mundo, mas eu não posso fazer isso, entende? Ia ficar só eu preso no final das contas. Então quer dizer, o juiz de execução penal não tem poder coercitivo para obrigar o Estado a cumprir a lei de execuções, com direitos e deveres de quem está detido, diferenciações de regimes e penas, e a sociedade não está nem aí para o preso. Não é prioridade nunca do Estado a Lei de Execução Penal. Aí o Estado resolve terceirizar uma obrigação sua, pagando valores exorbitantes, resolve terceirizar esse serviço.

Mas existe alguma irregularidade contratual da Umanizzare?

Não sei mesmo dizer. Até porque esse descumprimento, se houver e o que houver, cabe a outras esferas, como ao Tribunal de Contas, não à Vara de Execuções Penais. A estrutura corrompida do Estado, essa complexidade de processos parece até proposital. As leis, em termos de coerção da corrupção, em termos de avaliação do que está errado, são muito equivocadas. Para prender um pobre que furtou uma lata de leite é fácil, mas para limitar um desvio de verba, um descumprimento de contrato do estado ou uma licitação, é muito mais complicado.

Então o senhor é contra a privatização?

Eu sou contra pelo direito do próprio trabalhador do sistema penitenciário. Por que o governo começar a terceirizar? Porque quer



demitir esse cara é mais fácil, mais barato. Há quem possa dizer que o Estado terceiriza para levar alguma grana de licitação, desviar verba. Eu vou pelo trabalhador mesmo, que a terceirização é para baratear. A história é sempre a mesma: sobra para o pobre, para o trabalhador. Aquele cara que queria prestar um concurso, virar servidor, ter garantias, não tem nenhuma. Essa é a verdade.

O que dizem da Umanizzare?

Sobre o que dizem aqui em Manaus? A gerente, diretora da empresa, é uma excelente profissional. Eles não são bobos. Quem ganha dinheiro com isso não são os funcionários. Quem ganha dinheiro está lá em cima, não é quem está na linha de frente. Talvez até um testa de ferro. A diretora, pelo pouco que conheço, é competentíssima para o cargo que ocupa, tem currículo. Não lembro o nome dela, mas é uma pessoa capacitada.

Mas você sabe de algo de errado?

Não sei. Já me perguntaram isso. Não tenho como falar.

E as facções, toda essa história de ser revanchismo de PCC e FDN...

Dizem que a Família do Norte é derivação do Comando Vermelho, mas olha, eu não gosto de falar disso e de entrar nessa história. Eu não gosto de me aprofundar no assunto porque fica parecendo que estou legitimando. Quando a gente fala “ah, é o bandido que vive do crime organizado”. Para a gente ele é bandido, mas matar a massa carcerária, para muita gente, faz do cara um herói. Só que é uma lógica totalmente errada. Na verdade, é uma merda tudo isso, sabe? Ruim demais essa lógica.

Eu queria voltar ao dia do massacre, após a negociação, o que sentiu quando viu a cena?

Eu vi aquele monte de braços, pernas, tinham cabeças espalhadas, pedaços carbonizados. Um negócio assim que não tenho nem como definir, não tem palavras. O problema é assim: o receso vai terminar e eu vou voltar pro meu posto de juiz da Vara de Execuções Penais e vou lidar com esses caras aí que cometeram o massacre. A polícia precisa investigar direito. A gente sabe que a polícia tem dificuldade de investigar, a gente sabe que tem câmara lá dentro e tal, enfim...

Como assim?

Olha, eu não quero criticar a polícia nesse momento, sabe? Mas, por exemplo, durante a negociação, não vi nenhum delegado lá. Não havia ninguém da Polícia Civil e era imprescindível que tivesse alguém lá. Voltando a trabalhar, eu vou ter que dar progressão de regime, avaliar condições carcerárias, essas coisas, para esses caras. Olha que terror! Imagina depois de eu passar por tudo isso, entendeu? Eu vou entrar naquela penitenciária para checar alguma violação de direitos, algo assim, vou ter que olhar nos olhos dos caras que cometeram o massacre. Não tem como apontar esse ou aquele. A maioria cometeu. Mas precisa ser investigado e coibido pela segurança pública.

Você tem medo?

Medo não é uma palavra correta. Não tenho medo. Sou uma pessoa que faz tudo com prazer, sentimento. O negócio de dinheiro, por exemplo, se eu trabalhasse diferente, me abstinhasse de um monte de coisas, ganharia a mesma coisa no fim do mês. Mas eu me comprometo com a causa. Eu não acredito em juiz frio. O juiz tem que ter sentimento, o juiz na execução penal tem que acreditar no ser humano. Eu sempre acreditei no ser humano, mas estou com dificuldade de voltar a acreditar depois do que eu vi. Estou com dificuldade de acreditar em mim. Aqueles seres humanos que fizeram aquilo tudo, têm coisas deles na gente, você entende? Tem coisas deles em mim. Você entende o que eu quero dizer?

Em entrevista à Ponte Jornalismo, a Pastoral Carcerária culpa o Judiciário também pelo cenário atual. A integrante diz que “se o Judiciário cumprisse seu papel, não haveria tantas mortes, porque as cadeias não estariam tão lotadas. A Lei de Execução Penal não é seguida. Há muitas pessoas que poderiam estar cumprindo pena em liberdade, mas continuam presas”. O que o senhor acha disso?

Na reivindicação dos presos não houve reivindicação para adiantar processo, rever processo. Eu nunca vi uma rebelião em que os presos não pedem para agilizar processo. Não houve qualquer reivindicação. Ela tem razão com relação às penas provisórias. Tem mesmo muita gente que não deveria estar preso, que ainda nem foi julgado, tem gente presa que estava com duas ou três trouxinhas (de drogas), essas pessoas deveriam estar na rua. Mas aquele local onde aconteceu o massacre era só de condenados. Precisa ser feita essa diferença.

Lei de execuções, completo abandono do sistema prisional e política de encarceramento. Mas, afinal, a culpa é de quem?

A culpa é do Estado. E também da sociedade que finge que não vê, que não cobra.

Além dessa situação de Manaus, há pouco mais de um ano aconteceu o massacre no Complexo Penitenciário de Pedrinhas, onde também houve acerto de contas entre facções e assassinatos com decapitações. Quais outras penitenciárias são bombas-relógio?

Eu não tenho conhecimento pra responder isso. A situação em Porto Alegre também não é boa. Eu acho que todas as penitenciárias do Brasil são bombas relógio. Muita gente atribui ao tráfico de drogas, por exemplo, até mesmo a manutenção desse tal crime organizado. A culpa não é do tráfico de drogas, a culpa é da falta de regulamentação das drogas.

Mas é a favor da legalização?

Sou a favor da regulamentação de todos os tipos de drogas. Todos. Inclusive o Estado ganharia com isso. ■





Scarlett Lamela





















PARA 2017



6 coisas pra você arrumar tempo no ano que começa.

Por NATHALI MACEDO



2017



A vida moderna é cada vez mais louca. Tão louca que nos esquecemos frequentemente das pequenas coisas que nos fazem felizes. Elegemos prioridades atabalhoadamente e esquecemos que a prioridade é viver. E ser feliz aqui, já que ninguém nos garante que teremos outra chance.

A impressão que se tem é que vivemos cada dia cumprindo uma espécie de tabela. Passamos pela vida e ela passa por nós sem nos cumprimentar. Mas não precisa ser assim. Dá pra tirar um tempinho para fazer as pequenas coisas que nos trazem grandes alegrias. Então separei 6 coisas para as quais você deve arranjar tempo em 2017 para que a vida não passe mais despercebida.

1# APROVEITAR MAIS A FAMÍLIA

Família só muda de endereço, eu jamais ousaria discordar. Tem o tio do pavê com as tiradas mais sem graça de todas as galáxias, a avó que pergunta quando você vai se casar e o primo pentelho que não para de te encher. Mas, ainda assim, família é a melhor coisa do mundo. Trocar energia com quem te conhece tão bem quanto você mesmo te rende belos sorrisos.

2# FAZER NOVOS AMIGOS E CULTIVAR OS ANTIGOS

Tenho grandes amigos. Cada um com seus defeitos irremediáveis que aceitamos mutuamente, todos eles são campeões em

me arrancar gargalhadas. No fim, você certamente estará sozinho. Mas cultivar bons companheiros nesta jornada torna a vida mais leve.

3# FICAR SOZINHO

Se cultivar família e amigos é importante, saber desfrutar a boa e velha solidão também é. É assustador, mas muita gente conhece o mundo e não conhece a si mesmo – simplesmente porque não se dá ao trabalho de se observar. E pessoas que não se conhecem, geralmente, vivem presas em suas identidades inventadas, como postes imóveis num mundo que muda a cada segundo. Quando a gente se conhece, a gente se supera.

4# OBSERVAR AS PESSOAS

O mundo é um catálogo de grandes figuras. Gente com qualidades memoráveis escondidas por trás de um mau-humor insuportável, segredos desconcertantes por detrás de largos sorrisos, sentimentos gigantescos escondidos em uma aparente frieza. Gente é o bicho mais curioso que eu conheço. E, de cada pessoa que você observar, dá pra tirar algo de bom. Logo, esse é um ótimo exercício para a felicidade.

5# REPENSAR SUAS ESCOLHAS

Tem gente que sequer faz as próprias escolhas. Deixa o mundo ir escolhendo, ir caminhando. Mas se a gente não muda, a vida muda a gente – e isso dói tanto! Bom é agarrar o controle de nossas vidas e repensar nossas escolhas todas as noites em que colocamos nossas cabeças no travesseiro. E, é claro, refazê-las se julgamos conveniente, para que estejamos, sempre, exatamente

**Tire um tempo para
fazer as pequenas
coisas que trazem
grandes alegrias.**



2017

onde queremos estar.

6# REALIZAR PEQUENOS SONHOS

A gente corre atrás dos nossos projetos de vida e isso é realmente espetacular. Se formar na faculdade, conseguir uma promoção, a viagem dos sonhos... é claro que os grandes sonhos merecem o nosso empenho. Mas nada impede que, no meio do caminho, a gente realize os pequenos.

Vá a um show que há muito tempo você gostaria. Cumprimente alguém que há muito tempo você admira. Conheça um lugar que há muito tempo você anseia. Porque a vida pode terminar antes de você perceber que ela não passa de um grande compilado de alegrias miúdas. ■



2017 pra quê?



Eu meio que estou tentando entender ainda o que esperar de 2017, já que 2016 foi tão ruim em vários sentidos - e eu nem ousar questionar isso. Mas o que passou, passou. E 2016, depois de tantos percalços, passou e deu lugar a 2017. O ano em que teremos... O que nós teremos de bom em 2017?

No campo da política, o mal estar é geral, mas eu não pretendo falar sobre ele aqui, pois a revista não trata do tema. Mas será que 2017 será um ano melhor na cultura, no esporte e nos direitos humanos? Eu espero que sim. E quem espera sempre alcança. Ou quem espera desespera?

Estou em guerra com meu próprio medo no momento em que escrevo este texto. Busco ter sempre um pensamento positivo, quero acreditar em 2017, mas ele herdou problemas demais de 2016. Conseguirá resolvê-los?

Lembro que 2015 foi um ano complicado também e tivemos uma expectativa muito grande quando 2016 começou. Caímos do cavalo. As tragédias pareciam ter piorado em 2016, tantos foram os problemas deixados pelo ao anterior.

Como ser otimista depois do ano em que perdemos tudo, depois de tantos conflitos, de tanto ódio, de tanta insensibilidade? O que pode nos deixar esperança para que acreditemos num 2017 melhor?

Um dia desses uma arropa do Twitter compartilhou um texto dizendo que 2016 não teve culpa de nada do que aconteceu de ruim no ano que passou. Que o ano é apenas uma passagem do tempo e o que causa as desgraças são as pessoas. Ou, talvez, a natureza.

Pessoas melhores seriam um motivo para acreditar em 2017. Aliás, em 2017 não. Mas em coisas melhores vindo em 2017, 2018, 2019...

Aí vem o medo e me diz: as pessoas deram qual sinal de melhora no fim de ano?

Se olharmos atentamente, as expectativas não são nem um pouco animadoras. As pessoas continuam egoístas, aproveitadoras, insensíveis, irritadas com qualquer coisa. As pessoas estão cada vez mais loucas e quem ainda não ficou totalmente louco corre sério risco de ficar em breve.

Mas as pessoas invariavelmente evoluem. Hoje somos insensíveis, mas já fomos bem mais. Já fizemos todos os tipos de atrocidades, endossamos os piores discursos de ódio, brincamos com coisa séria, fizemos revoltas absurdas. Já fomos submissos, servos, alguns escravos. Passamos por tudo isso e sobrevivemos.

Somos cheios de características negativas, mas essas mesmas características já foram mais acentuadas. Hoje somos melhores do que há um século.

Mas volta o medo: a humanidade nem sempre parece caminhar para a evolução. Na verdade, parece que pioramos a cada dia.

Sim, essa sensação é real. Mas pensem que, mesmo durante o monte de atrocidades de 2016, tivemos Olimpíadas no Brasil, tivemos a linda história do Leicester campeão, tivemos vários avanços na ciência. Para cada reacionário que nos torturava com preconceitos, apareciam pessoas de bom senso para refuta-los. Mesmo nos momentos em que as coisas parecem piorar, algumas coisas boas acontecem.

A-ha! Já sei o que esperar de 2017! Que as coisas ruins, que com certeza acontecerão, não sejam tão ruins quanto serão boas as coisas boas do ano, que sei que também acontecerão. E que a gente possa olhar mais para as coisas boas do que para as coisas ruins.

O medo não para. Lembra que as coisas boas de 2016 foram sugadas pelas tragédias. É verdade. Mas continuo positiva desejando que neste ano nós possamos fazer melhor. Por mais que a gente reclame das coisas no Twitter.

Um ótimo 2017 a todos. Torçam por minhas previsões otimistas.

Cuidado! Cachorro bravo!



Sou de um tempo em que cachorro comia osso de frango frito aos domingos, acompanhado do que sobrou da macarronada. Engasgavam, tossiam e seguiam adiante até eliminar toda aquela carcaça.

Sou de um tempo em que atravessávamos a rua toda vez que vinha um cachorro na direção contrária. Era puro medo, porque eles latiam, avançavam e mordiam feio.

Sou de um tempo em que quase todo mundo morava em casa e tinha um vira-lata para espantar ladrão. No portão, havia sempre uma placa esmaltada escrito: “Cuidado! Cachorro bravo!” E pôe bravo nisso.

Não tinha bandido que tentava roubar calça Lee no varal que não saísse com uma bela mordida na perna, às vezes com as marcas dos caninos, muitas vezes sangrando.

Quantas e quantas vezes não fui parar no posto do IAPC pra tomar vacina antirrábica depois de uma mordida de cão? Pela minha casa passaram quatro: Joli, Tupi, Pink e a temível Fly, que ficava presa num galinheiro sem galinhas e somente o meu irmão tinha coragem de chegar perto para oferecer uns pedaços de bofe a ela.

Sou de um tempo em que cachorros tinham nomes de cachorro: Rex, Fox, Tupã, nomes assim. Hoje, levam nome de celebridades. Conheço um Einstein, um Brad Pitt, um Michael Jackson e uma Frida.

Sou de um tempo em que não havia pet shop com banho e tosa. Os cachorros tomavam banho no tanque, com água fria e a tosa, quando era feita, era mesmo em casa com uma velha tesoura Mundial.

Hoje, eu me pergunto o que aconteceu com os cachorros que são chamados de filhos. Eles ficaram mansos, pacatos e do lar. Quando trombamos com um no shopping – sim, hoje eles passeiam no shopping – podemos tranquilamente chegar perto, passar a mão na cabeça, brincar com ele, que sempre corresponde com o seu sorriso que está no rabo.

Não vejo mais cachorro bravo por aí, daqueles que latem, avançam e mordem. Os cachorros de hoje me parecem da paz, não querem saber de confusão ou mordidas em ladrão.

Outro dia perguntei a um amigo se os cachorros de hoje têm pulga, porque os do meu tempo andavam infestados de pulgas, que eram combatidas com pó chamado Neocid, que vinha numa latinha amarela que a gente apertava.

Ele disse que sim, mas que elas são eliminadas com uma coleira anti-pulga que vende nos pet-shops da cidade.

Sou de um tempo em que não havia ração pra cachorro nem biscoitinhos Premier Cookie. O cocô deles era fedido que só. Nunca me esqueço no dia em que minha mãe foi jogar água no quintal e encontrou um Bom-Bril inteirinho nas fezes de Tupi.

Outro dia alguém me contestou, lembrando que ainda existem sim os cachorros bravos, os Pit bulls que mordem, matam e vão parar nas páginas policiais dos jornais. Mas até da braveza dos Pit bulls eu desconfio.

Agora, falando sério, minha tese vai por água abaixo quando penso que sou do tempo do Snoopy, da Lassie, do Pluto, do Pate-ta, do Milu, da Dama, do Vagabundo, do Bob Pai e do Bibó Filho, todos cachorros do bem, que não avançavam nem mordiam ninguém.

AUXÍLIO DA TV



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El País, P Magazine, El Hombre, Ponte Jornalismo, Adorocinema, Livraria da Folha e Guia da Semana.

MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



SIGA-NOS

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

youtube.com/revistabecool

